

## NOTÍCIAS

Jose velho —

Tive notícias suas, poucas, mas alegres. Mandei-lhes uma papelada, para que vocês resolvam aquêlê meu caso; Deus os abençõe a todos.

Notícias é que está difícil de mandar. Você diz que lendo os jornais, aí em Paris, não entende as coisas. Pois entende melhor do que eu, porque aí você lê apenas cinco ou seis jornais que a Panair leva. Aqui eu leio todos, e a confusão aumenta.

Ainda neste domingo, o nosso Osório Borba divertiu-se em transcrever comentários dos jornais governistas sôbre os ministros do governo. Uns atacam o sr. Danton, outros o sr. Lafer; e os demais ministros levam bordoadas praticamente de uns e outros — menos dos jornais da oposição, que preferem malhar o sr. Vargas, que é o pal de todos.

Eu, por mim, você tem visto, não malho ninguém; e já dou graças a Deus por ninguém me malhar. Um jornal getulista chega a propor que se erga uma espécie de muralha de vidro em tôrno do Presidente, para que ninguém o aborreça, e êle possa resolver os altos problemas da Nação. A idéia é boa, colocar êsse pequeno homem dentro de uma redoma; mas não sei se agradará a êle.

Mas falemos de coisas sérias, e de gente que importa. Um homem fez setenta anos. É um homem que não prende, nem dá cartório e ninguém — mas que, nestes setenta anos realizou a nobre aventura de ser um homem, no sentido que essa palavra tão desmoralizada pode ter de elevado como inteligência, cultura, caráter e coragem: estou falando do velho João Mangabeira. Dêle conheço várias histórias, e entre elas me contaram uma que é o seu retrato de corpo inteiro.

Foi no tempo da ditadura, e êle estava prêso; uma autoridade policial submeteu-o a um interrogatório longo, e as perguntas encerravam ameaças não apenas a êle mesmo como a uma pessoa muito querida. João Mangabeira respondia com calma e paciência — com aquela cortezia que êle usa para tratar um rei ou um servente. Depois de muito perguntar sôbre pessoas e fatos, o policial começou a falar de marxismo e democracia, a indagar de suas idéias. João Mangabeiro respondeu, mas o policial levantou várias questões de ordem ideológica, fazendo comentários sôbre doutrinas políticas — e então o prêso perdeu a paciência: "O senhor pode fazer o que quiser comigo ou com o meu filho, porque o senhor dispõe da fôrça. Mas me obrigar a discutir idéias consigo — não!".

\* \* \*

Quanto a mim (voltemos às coisas sem importância), é verdade, andei mal. Ia distraído, e entrei em um beco sem saída, um impasse sentimental. Mas reagi. Estou lançando agora mesmo uma campanha interna: "Libertemos Braga!". Sei que será duro; mas confio nêle, que é praça velha. Abraço, adeus.

25/6/51

R. B.

469